

## ENTRE O BEM E A GLÓRIA: SUPER-HERÓIS COMO MODELO ÉTICO E POLÍTICO

Heitor Coelho\*

**RESUMO:** O presente artigo pretende expor e analisar algumas características dos modelos éticos e políticos de conduta dos super-heróis. Para tanto, procura oferecer um contraste entre eles e os heróis dos épicos homéricos. Após enfatizar a importância dessas figuras e da obra de Homero para a educação dos gregos antigos, realiza uma breve análise dos valores que regem as ações dos personagens mais notáveis dos épicos, tais como Aquiles, Odisseu e Heitor, a partir da qual podemos ressaltar, pela comparação, uma diferença e uma semelhança entre esses heróis e os super-heróis. Recorrendo à noção de justiça em Platão e, posteriormente, à teoria da ação de Hannah Arendt, o artigo procura articular a aparente contradição entre essas duas características – a busca da excelência e a rejeição à glória – analisando a primeira aparição do Superman e os filmes *Batman - O Início* e *Batman: Cavaleiro das Trevas*. Dessa análise conclui-se que a identidade secreta, expressão mais típica desses impulsos antagônicos, ao menos nesses casos tão paradigmáticos, resolve a contradição, ou ao menos a suspende, por meio da marginalização do super-herói. Ao final, o artigo sugere possíveis novas análises que caminhem em sentido semelhante.

**Palavras-chave:** Modelos éticos, Homero, Arendt, Batman, Superman.

## BETWEEN GOODNESS AND GLORY: SUPERHEROES AS AN ETHICAL AND POLITICAL MODEL

**ABSTRACT:** The present paper intends to expose and analyze some characteristics of the ethical and political role models of super-heroes. To this end, it seeks to offer a contrast between superheroes and the heroes of Homer's epics. After emphasizing the importance of these icons, and of Homer's work, for the education the ancient Greeks, the work carries out a brief analysis of the values that govern the actions of the epics' most notable characters, such as Achilles, Hector and Odysseus, with which we are able to stress, through comparison, one difference and one similarity between these heroes and superheroes. Having recourse to Plato's notion of justice and, subsequently, to Hannah Arendt's theory of action, the paper then attempts to articulate the apparent contradiction between these two characteristics – the drive towards excellence and the rejection of glory – by analyzing Superman's first appearance and the movies *Batman Begins* and *The Dark Knight*. From this analysis it is concluded that secret identities, the most typical manifestation of these antagonistic drives, solve, or at least suspend, said contradiction, by marginalizing the superhero. Finally, the paper suggests possible further research following similar paths.

**Keywords:** Ethical role models, Homer, Arendt, Batman, Superman.

---

\* Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), Professor Adjunto de Filosofia da Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: [heitorcoelho@gmail.com](mailto:heitorcoelho@gmail.com)  
ORCID: 0000-0002-3774-6936

Os super-heróis têm pelo menos 82 anos. Podem não ser novidade, mas hoje se tornaram quase inescapáveis. A ascensão da chamada cultura “nerd” ou “geek” colocou-os num patamar privilegiado da indústria do entretenimento, tirando do relativo obscurantismo personagens como Thanos ou Homem-Formiga, que, não tanto tempo atrás, apenas os frequentadores de bancas de jornal e lojas especializadas reconheceriam pelo nome. E nos anos mais recentes temos visto as listas de filmes mais assistidos tomadas por super-heróis, produções multimilionárias lotadas de astros, acompanhadas de uma enxurrada de todo tipo de mercadorias.

Claro, se os super-heróis não são novidade, os heróis são ainda muito menos. Sem precisarmos recair nas discussões sobre a universalidade da figura do herói (ou de sua jornada), basta retrocedermos até a Grécia antiga, berço do termo em questão, para vermos que, pelo menos desde então, heróis são vistos como tendo um papel inegavelmente importante na educação. Muitas vezes de origem divina, eles ofereciam ao mesmo tempo os exemplos virtuosos de atos de coragem, força, engenhosidade e sabedoria, tanto quanto um alerta para os perigos da ira, da presunção, da ambição ou do orgulho.

Educadores que somos, rodeados como estamos pela atual overdose de super-heróiismo, talvez sejamos obrigados a nos perguntar: quais modelos formativos os super-heróis nos oferecem? O que eles nos “ensinam”?

Tendo em vista precisamente a atual enxurrada de super-heróis e a história do gênero que, se não é propriamente antiga, já se aproxima de um século de publicações, pode-se constatar que a pergunta é abrangente o suficiente para admitir legitimamente um número vertiginoso de pontos de partida, capazes de iluminar de diferentes maneiras o gênero e seus aspectos. Para o presente trabalho, optou-se por seguir uma pista que esperamos poder iluminar certos aspectos éticos e políticos dos modelos de ação “encarnados” pelos super-heróis, que é o contraste entre os super-heróis contemporâneos e os heróis da Grécia antiga, notadamente como retratados por Homero na *Ilíada* e na *Odisseia*. Este contraste permite, por meio de ao menos uma semelhança e uma diferença notáveis, destacar duas características típicas dos super-heróis e uma aparente contradição entre elas, a partir das quais tentaremos promover algumas análises sobre a orientação ética e política mais presente no modelo de conduta oferecido pelos super-heróis.

### **“Glória hei de ter sempiterna”**

Difícil superestimarmos a importância da figura do herói para a cultura grega do período clássico, e mesmo para além dele. Objeto do orgulho familiar, na medida em que os nobres deles alegavam descendência; do culto religioso, ao confundirem-se com os deuses, dos quais em todo caso frequentemente descendiam; e do sentimento cívico, associados à causa da *pólis* ou mesmo à causa pan-

helênica<sup>1</sup>. Não sendo, porém, nossa proposta a de conduzir um estudo abrangente sobre todos estes aspectos, convém focarmos nossas atenções naqueles dentre os heróis gregos que mais se assemelham a estes, isto é, aqueles retratados pelo mito, tão acima dos humanos normais que talvez não seja errado chamá-los também de “superpoderosos”. E para este propósito não há melhor apoio do que a mais tradicional consolidação escrita da tradição oral dos gregos: a obra de Homero.

Para além do fato de os épicos homéricos serem justamente esta consolidação, interessa-nos também que ela fosse encarada pelos próprios gregos como obra educativa por excelência.

O mote de “Homero, educador da Hélade”, que Platão e muitos outros repetem, exprime, na verdade, um senso comum sobre aquele que era considerado o maior de todos os poetas. [...] A educação dos cidadãos se fazia ouvindo e memorizado trechos, principalmente da *Iliada* e da *Odisseia*, que eram recitados tanto de modo privado por parte dos pais e anciãos nos rituais familiares, como em locais públicos, teatros ou praças, quando a declamação era feita por profissionais [...] (RODRIGO, 2006, pp. 525-526).

Natural, afinal, que uma cultura tão voltada para a guerra procurasse tomar por modelos os feitos de grandes guerreiros. Os modelos heróicos passariam por importantes reapropriações e ressignificações ao longo do período clássico, mas a tradição de recorrer a eles como modelo de conduta sobreviveria até para além desta época. Alexandre III da Macedônia, por exemplo, explicitamente tomava os heróis como modelos e possuía, segundo Arriano, um “desejo de imitar Aquiles, com quem desde a infância tinha a ambição de rivalizar”<sup>2</sup>, a ponto de alegadamente cortar os cabelos em oferenda no funeral do amigo Hefesto (ARRIANO, *Anabasis*, 7.14.396), tal como Aquiles teria feito no de Pátroclo (HOMERO, *Iliada*, XXIII, 140-153).

Aquiles, não por acaso, talvez nos ofereça o mais paradigmático exemplo dos valores que orientavam estes heróis. É conhecida a escolha que o destino lhe teria oferecido, e que Homero nos conta pela boca do próprio herói:

Tétis, a deusa dos pés argonautas, de quem fui nascido,  
já me falou sobre o dúplice Fado que à Morte há de dar-me;  
se continuar a lutar ao redor da cidade de Tróia,  
não voltarei mais para a pátria, mas glória hei de ter sempiterna;  
se, para a casa voltar, para o grato torrão de nascença,  
da fama excelsa hei de ver-me privado, mas vida mui longa  
consequirei, sem que o temor da Morte mui cedo me alcance  
(HOMERO, *Iliada*, IX, 410-417).

Embora, no momento em que diz estas palavras, Aquiles esteja justamente rejeitando as propostas de reconciliação de Agamenon e planejando deixar a guerra para retornar à terra natal e lá viver longa e prosperamente, muito pouco depois ele abandonará tais desígnios e reincidirá na escolha que o levava ao cerco à Tróia dez anos antes, escolhendo uma morte prematura, mas acompanhada da glória imortal. E

<sup>1</sup> Os heróis eram também objeto de importantes disputas quanto a seu significado. Cf., p. ex., as reinterpretações dos feitos e guerras míticas na Atenas democrática do séc. V, cujo espírito é, segundo Loreaux, de desenvolver um “mito sem heróis” (1994, pp. 60-61).

<sup>2</sup> A tradução para o português é nossa, neste trecho e nos demais extraídos de obras em língua estrangeira.

reafirmará tal decisão mesmo diante de novos e mais precisos vaticínios acerca da proximidade e da forma de seu perecimento (HOMERO, *Iliada*, XIX, 420; XXII, 365-366).

O desejo de alcançar a glória evidentemente não é exclusivo de Aquiles, mas perpassa todo o épico, guiando os muitos heróis dignos de destaque e sendo explicitamente enunciado inúmeras vezes<sup>3</sup>. Além de efetivamente guiar as ações, tal ímpeto é louvado também explicitamente; o *ethos* guerreiro (e aristocrático) da *Iliada* é o que valoriza quem busca “ser sempre o primeiro e de todos os mais distinguir-se” (HOMERO, *Iliada*, VI, 208), que erige como o pior dos males uma morte “sem glória e sem nome” (HOMERO, *Iliada*, XIV, 70) e que entende que a covardia leva à morte, visto serem “mais poupados na guerra os que sabem morrer briosamente, / ao passo que os fugitivos nem glória obterão, nem defesa” (HOMERO, *Iliada*, V, 531-532).

Convém ressaltar que estes são valores partilhados, na *Iliada*, pelos antagonistas, e em particular por Heitor, maior dos heróis troianos. Embora a nobreza de caráter deste personagem transpareça também no afeto que demonstra por sua família, e que merece alguns dos mais belos e conhecidos versos do épico (HOMERO, *Iliada*, VI, 392-502), não é, em última análise, principalmente por este que o herói é louvado. Heitor busca, como Aquiles, glória imortal, o que fica evidente, p. ex., quando desafia qualquer guerreiro grego disposto a tanto para combate singular (HOMERO, *Iliada*, VII, 67-91), ou quando incita os compatriotas a atacarem os navios inimigos, dizendo-lhes que é “glória morrer em defesa da pátria” (HOMERO, *Iliada*, XV, 485-499). Mas este seu desejo de obter a imortalidade pelos feitos gloriosos talvez em momento nenhum apareça tanto como naquele seu derradeiro, quando percebe que, enganado por Atena, disfarçada como Deífobo, um de seus irmãos, fôra levado a permanecer fora de Troia e enfrentar Aquiles:

Inevitável, a morte funesta de mim se aproxima.  
Há muito tempo, decerto, Zeus grande e seu filho frecheiro  
determinaram que as coisas assim se passassem, pois eles,  
sempre benévolos, soíam salvar-me; ora o Fado me alcança.  
Que, pelo menos, obscuro não venha a morrer, inativo;  
hei de fazer algo digno, que chegue ao porvir, exaltado  
(HOMERO, *Iliada*, XXII, 300-305).

Embora a *Iliada*, como história de guerra que é, ofereça-nos os mais claros e numerosos exemplos deste modelo de uma moral heróica e, para ser um pouco redundante, guerreira, enquanto “a *Odisseia* exalta, sobretudo no seu herói principal, acima da valentia, que passa a lugar secundário, a prudência e a astúcia” (JAEGER, 2013, p. 25), a referida valentia não está ausente como valor, nem tampouco o desejo do herói de legar grandes feitos em seu nome. Certamente uma das mais conhecidas passagens da *Odisseia* reflete uma espécie de conflito entre estes dois ímpetos, ao final do qual o desejo de reconhecimento acaba por triunfar sobre a prudência do anonimato. Referimo-nos, evidentemente, ao episódio em que

<sup>3</sup> Alguns exemplos: Diomedes em V, 1-3, 259-271; novamente Diomedes, juntamente com Odisseu, em X, 210 e ss; Sarpédone e Glauco em XII, 310; Idomeneu e Meríones, em XIII, 311-327; Enéias, em XVII, 327. Também Pátroclo, em XVI, 269-274, embora este busque glória em nome de Aquiles. Já falaremos de Heitor, que não foge à regra.

Odisseu escapa de Polifemo: recusando-se a fornecer o próprio nome ao ciclope filho de Poseidon, o herói chama a si mesmo de “Ninguém”; quando, cegado por Odisseu, Polifemo pede ajuda aos demais gigantes, dizendo que “Ninguém quer matar-me”, aqueles apenas caçoam dele (HOMERO, *Odisseia*, IX, 364-408). Quando, porém, finalmente consegue, com os companheiros, escapar do ciclope, mesmo contra a vontade e o conselho dos demais, Odisseu não consegue simplesmente aceitar tal anonimato:

Ouve, Ciclope! Se um dia, qualquer dos mortais inquirir-te sobre a razão vergonhosa de estares com o olho vazado, dize ter sido o potente Odisseu, eversor de cidades, que de Laertes é filho e que em Ítaca tem a morada (HOMERO, *Odisseia*, IX, 502-505).

Esta enunciação vem a cobrar grande preço, pela maldição que Polifemo lança e que efetivamente impede que Odisseu regresse ao lar por muitos anos. O mesmo não se pode dizer do que ocorre no canto XXII, quando Odisseu abandona seu disfarce de estrangeiro maltrapilho e revela sua verdadeira identidade aos pretendentes de Penélope, imediatamente antes de massacrá-los. É como se mesmo a astúcia de Odisseu não estivesse completa sem que pudesse ser atribuída propriamente a ele, alinhada a seu catálogo de grandes feitos e registrada para a posteridade.

Tal valorização da glória e dos grandes feitos em batalha é, evidentemente, o retrato da cultura hierarquizada e aristocrática que gerou os épicos homéricos. E, como nos diz Dean Hammer, tais culturas...

são caracterizadas por gradações de status com obrigações e papéis correspondentes entre si. Significativamente, a identidade e senso de valor de um indivíduo [...]. No topo da hierarquia estão os *agathoi* [literalmente: os ‘bons’, os ‘melhores’], ou nobres, um título de classe para os guerreiros. Nasce-se como *agathos*, mas espera-se de um *agathos* que demonstre *aretê* [‘virtude’], ou as excelências apropriadas a seu status social. [...] Mas, mais do que um simples conjunto de competências, a *aretê* serve como a base para o recebimento de honra (*timê*) e glória (*kleos* ou *kudos*). [...] Se a honra serve como compensação nesta vida, a glória provê uma imortalidade na lembrança que, nas palavras de Nagy, aparece como uma ‘negação cultural de um processo natural’ (HAMMER, 2002, pp. 59-60; grifos no original).

A glória é tida, assim, como a imortalidade possível para os homens mortais – mas apenas para os melhores dentre eles. “Por sua capacidade de feitos imortais, por poderem deixar atrás de si vestígios imorredouros, os homens, a despeito de sua mortalidade individual, atingem o seu próprio tipo de imortalidade e demonstram sua natureza ‘divina’” (ARENDDT, 2007, p. 28).

Basta lançar os olhos sobre a breve análise desenvolvida até aqui para vermos algumas semelhanças bem evidentes entre os heróis dos épicos e os super-heróis. Herdeiros de valores aristocráticos, estes, como aqueles, são os “melhores”, estão de alguma maneira sempre acima de seus pares. Na maior parte das vezes isto se dá pela posse de capacidades literalmente sobre-humanas, tais como super-força, vôo, supervelocidade, resistência etc., o que normalmente ocorre por herança<sup>4</sup>,

<sup>4</sup>Tendo em vista como as histórias de super-heróis apropriam-se à exaustão das fontes mitológicas, inclusive e, talvez principalmente, da grega, não raramente esta herança é literalmente divina, como é o caso da Mulher-Maravilha e de Thor.

mutação ou acidente, não sendo raras as combinações. Quando não é o caso, eles são, por talento e esforço, absolutamente brilhantes em uma, algumas ou diversas áreas, em níveis nominalmente taxados como humanos, mas que só podem ser assim considerados com a dose de imaginação que estas histórias costumam exigir e incitar. Mas, ao mesmo tempo, salta aos olhos uma grande diferença: embora dotados de capacidades extraordinárias e tendo realizado feitos dignos de “glória sempiterna”, tal como seus pares antigos, os super-heróis, por outro lado, não só parecem não buscar tal glória, como fogem ativamente dela.

### **“Que bom! Não falaram de mim!”**

Se o Superman é muitas vezes considerado como o primeiro super-herói, é provavelmente por ser o primeiro a combinar poderes sobre-humanos e uma identidade secreta<sup>5</sup>. Ainda que não seja tremendamente rigorosa, a definição contempla a vasta maioria dos casos, sendo as exceções em larga medida insignificantes: por um lado os feitos e capacidades de heróis “sem” superpoderes são efetivamente superpoderosos<sup>6</sup>, por outro, o tropo de identidade secreta é muito difundido entre o gênero das histórias de super-heróis, com exceções sendo quase sempre subversões deliberadas, de tal modo que as questões levantadas pela identidade secreta estão quase sempre, explícita ou implicitamente, em jogo.

A que questões nos referimos? A junção destes dois tropos no Superman levanta com muita clareza um modelo de conduta que se tornaria paradigmático para o gênero, e é perfeitamente ilustrada já na estreia do herói, em *Action Comics* nº1, em pelo menos dois momentos. No primeiro, após salvar da morte uma mulher condenada injustamente, Clark Kent, lendo sobre o acontecimento em um jornal, murmura satisfeito para si mesmo: “Que bom! Não falaram de mim!” (SIEGEL E SHUSTER, 2010, p. 12). No segundo, quando um assediador perturba Lois Lane, o herói “relutantemente [...] adere ao papel de um fracote”, deixando à própria Lois a tarefa de livrar-se do assediador e aceitando a alcunha de “covarde medroso e insuportável” que ela lhe lança; apenas para, em seguida, como Superman, salvá-la da perseguição do referido assediador e seus comparsas e, afinal, recomendar-lhe que “não publique este pequeno episódio” (SIEGEL E SHUSTER, 2010, pp. 15-18).

Sabemos que as histórias do gênero frequentemente procuram oferecer razões para a adoção da identidade secreta, tais como a segurança de entes queridos, mas a completa ausência de qualquer uma delas nas primeiras histórias do Superman é um bom indicativo de sua superfluidade<sup>7</sup>. E, claro, é fácil ver que o tropo se encaixa como luva nas fantasias de poder que atraem o público do gênero, então (e mesmo

<sup>5</sup> A definição é controversa, assim como a primazia do Superman – quanto a esta, cf. p. ex. Davisson, 2010; Goulart, 1990, em especial pp. 91, 249-250. Apesar desta falta de precisão, a combinação serve aos nossos propósitos atuais.

<sup>6</sup> Batman, p.ex., supostamente um humano “normal”, já levantou pesos dignos de atletas olímpicos mesmo seriamente ferido, desviou de uma bala de rifle e domina 127 artes marciais; há um site inteiramente dedicado a compilar estas proezas sobre-humanas (<http://batmanfeats.blogspot.com>).

<sup>7</sup> O site *TV Tropes* compilou as mais comuns delas em <https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/SecretIdentity>

hoje, apesar das mudanças) majoritariamente jovem e masculino. São temas dignos de discussão e análise; mas, no que mais nos interessa, temos de observar que as ações do Superman encapsulam um modelo de conduta antagônico ao dos heróis gregos, que talvez pudéssemos resumir, torcendo as palavras de Glauco no livro VI da *Iliada*, no lema contraditório “ser sempre o primeiro, sem jamais se distinguir”.

Não nos enganemos, ambas as partes deste imperativo são importantes, como é bem demonstrado com a segunda situação citada acima: Kent não só adere apenas relutantemente ao papel de “fracote”, como fica claramente transtornado pelo tratamento que Lois lhe dirige como resultado desta adesão. Por outro lado, sob a identidade de Superman, ele não se contenta em deter os que a perseguem, antes exibindo suas proezas de força, resistência e velocidade e se mostrando largamente superior aos demais. A identidade secreta permite ao super-herói que ele, ao mesmo tempo, distinga-se e se deprecie, apareça e se oculte.

Podemos entender, em parte, a coerência e prevalência deste modelo de conduta quando o relacionamos às teorias éticas que a filosofia grega começará a oferecer já no final do período clássico, que situavam a medida do valor de cada um em sua intimidade, sendo a honra mero “reflexo do valor interno no espelho da estima social”, um reconhecimento externo do qual o filósofo entendia poder prescindir (JAEGER, 2013, p. 29).

Uma das primeiras e mais conhecidas versões desta visão é aquela desenvolvida por Platão n’*A República*, segundo a qual o homem justo é caracterizado pela coordenação adequada das três partes da alma, portanto, “não com respeito às ações exteriores do homem, mas às interiores”, sendo a manutenção deste estado harmônico da alma o critério para definir se uma “ação externa” é justa, e não o contrário (*A República*, IV, 443d). Alinhado a uma tal visão, um super-herói não se incomodaria, ou ao menos entenderia que não deveria deixar-se incomodar, por uma má reputação, desejando não “apenas parecer bom, mas ser de verdade homem de bem [*agatón*]” (*A República*, II, 361b). Este contraste entre verdadeiro ser e aparência leva Platão a propôr um curioso e familiar teste para averiguar o caráter dos justos:

se [um homem justo] parecer justo, no mesmo instante se verá cumulado de honrarias e de presentes, por causa, precisamente, da aparência, tornando-se-nos incerto, por conseguinte, se ele é justo por amor à justiça ou por causa dos presentes e honrarias. Despojemo-lo de tudo, com exceção da justiça [...]: sem haver cometido a menor falta, passa por ser o tipo acabado do criminoso (*A República*, II, 361c).

Certamente os esforços de Clark Kent para se passar por covarde comungam deste tipo de valores e ecoam por todo o gênero de histórias super-heróicas. Mas passar-se por covarde frente ao interesse amoroso, embora fosse provavelmente um dos grandes termores do público-alvo da *Action Comics* n°1, dificilmente pode contemplar a radicalidade da exigência do teste platônico.

Encontraremos melhor exemplo desta conduta, com radicalidade talvez à sua altura, em um par de histórias bem mais recente daquele personagem que já foi descrito como “o zênite da ambição e fortitude humana”, e que, pelo menos desde as últimas décadas, tem sido tantas vezes contraposto ao

Superman, o “ápice do poder alienígena” (WAID E ROSS, 1997, p. 20). O Cavaleiro das Trevas nos ajudará a esclarecer um pouco mais as características e contradições deste paradigma ético.

### **“Mas não é quem você é por dentro... É o que você faz que te define”**

A conclusão de *Batman: Cavaleiro das Trevas* (2008)<sup>8</sup> remete diretamente ao contraste entre a justiça e sua aparência, de forma muito semelhante àquela elaborada por Platão.

Levado à loucura pelo Coringa após a morte de sua noiva Rachel Dawes (também interesse amoroso de Bruce Wayne) e a desfiguração de metade do seu rosto, o promotor Harvey Dent, aliado de Batman e Jim Gordon em seus esforços para dismantelar o crime organizado de Gotham, morre em confronto com Batman, após realizar uma série de assassinatos a sangue frio e ameaçar o filho de Gordon. “O Coringa venceu”, diz este, “ele derrubou o melhor de nós”. Com a reputação de Dent arruinada por seus atos, o comissário entende que os esforços dos três seriam revertidos.

A solução de Batman é impor a si mesmo uma versão do teste sugerido por Platão, por meio de uma “bela mentira”: assumir ele próprio a culpa pelos atos de Dent, tornando-se “o tipo acabado do criminoso”, pedindo ao próprio Gordon que o persiga como se fosse o responsável pelos assassinatos. “Porque ele não é um herói”, dirá este ao filho, na fala que encerra o filme, “é um guardião silencioso, um protetor vigilante, um cavaleiro das trevas”. Se a queda de Dent, que era apelidado de “Cavaleiro Branco”, era esperada e, mesmo, inevitável, tal como previsto pelo próprio por meio da máxima “ou você morre um herói, ou vive o bastante para tornar-se um vilão”, Batman não correria este risco, justamente por não ser um herói.

Para além até do que levanta a discussão platônica (ao menos no ponto destacado), o que este filme parece querer demonstrar é a impossibilidade efetiva de ser simultaneamente heróico e bom – pelo menos a partir do momento em que se adota esta concepção do bem que passa pelo altruísmo, separada do reconhecimento da comunidade.

Já em Homero é fácil vermos associadas as belas palavras aos belos atos, a guerra à política; é também “na assembleia [...] que os homens de glória se cobrem”, tal como nos campos de batalha (*Iliada*, I, 490). Os atos do herói clássico, na medida em que ele busca a glória, não por quaisquer meios, mas em defesa da comunidade política ou para a glória e a permanência desta, são atos políticos, que dizem respeito ao exercício do poder, à organização da comunidade e aos seus valores<sup>9</sup>. E “a pólis era para os gregos [...] o espaço protegido contra essa futilidade [da vida individual] e reservado à relativa permanência, senão à imortalidade, dos mortais” (ARENDDT, 2007, p. 66).

<sup>8</sup> *The Dark Knight*, no original; não confundir com a HQ de mesmo nome, cujo título em inglês é *The Dark Knight Returns*.

<sup>9</sup> Não é por outro motivo que Hammer afirmará que a *Iliada* é uma obra política, já que é exatamente este tipo de ato que ela retrata. Cf. 2002, em especial a introdução e os caps. 1 e 3.

Ora, se Batman não é um herói e não pretende sê-lo, é porque quer apenas combater o crime, e não fazer política. E se, aos observadores atentos, talvez tenha parecido que ele estava tomando para si os pecados de Dent e de Gotham, é porque este dilema super-heróico talvez seja, mais do que um choque entre tradicionais valores aristocráticos da Grécia clássica e as teorias platônicas, um paradoxo típico do cristianismo, tal como Hannah Arendt o descreveu:

A única atividade que Jesus ensinou, por palavras e atos, foi a atividade da bondade; e a bondade contém, obviamente, certa tendência de evitar ser vista e ouvida. [...] Pois é claro que, no instante em que uma boa obra se torna pública e conhecida, perde o seu caráter específico de bondade, de não ter sido feita por outro motivo além do amor à bondade. [...] A bondade só pode existir quando não é percebida, nem mesmo por aquele que a faz; quem quer que veja a si mesmo no ato de fazer uma boa obra deixa de ser bom [...]. Daí: ‘Que a tua mão esquerda não saiba o que faz a tua mão direita’<sup>10</sup> (ARENDR, 2007, pp. 84-85).

Os super-heróis, bons cristãos que tentam ser, improvisam sua própria versão da mão esquerda – “não fui eu” (e nem foi Dent), dirá Bruce Wayne, “foi o Batman”, coisa semelhante fazendo os demais super-heróis<sup>11</sup>. Claro, na medida em que não podem efetivamente desconhecer o que fazem suas identidades secretas, este paradoxo estará sempre assombrando-os com os fantasmas do orgulho e da culpa, ainda que digam que não são heróis.

Nolan e seus colaboradores, e tal como outros autores em outras boas histórias de super-heróis, longe de fugirem deste paradoxo, parecem entendê-lo e pretender expô-lo. O maior indício disto talvez esteja em um trio de cenas do antecessor de *Batman: Cavaleiro das Trevas*, *Batman – O Início* (2005).

Na primeira delas, Bruce Wayne, a pretexto de manter a credibilidade de sua identidade civil, age como as pessoas esperam que um playboy multimilionário aja, mergulhando na piscina decorativa de um restaurante luxuoso com duas modelos. Expulso do local, ao sair, cruza com Rachel Dawes, sua amiga de infância e interesse amoroso. Censurado pelo olhar dela, procura se justificar: “Rachel, isto... Eu sou mais, por dentro”. Ela retruca, após uma curta elaboração: “Mas não é quem você é por dentro... É o que você faz que te define”. E é exatamente esta frase que ele repetirá para ela, como Batman, após salvá-la, em resposta ao pedido dela para que ele lhe dissesse seu nome – e é o jeito de ele revelar: “eu sou o Bruce”.

Na ação e no discurso os homens mostram quem são, revelam ativamente suas identidades pessoais e singulares, e assim apresentam-se ao mundo humano [...]. Esta revelação de ‘quem’, em contraposição a ‘o que’ alguém é – os dons, qualidades, talentos e defeitos que alguém pode exibir ou ocultar – está implícita em tudo o que se diz ou faz. Só no completo silêncio e na total passividade pode alguém ocultar quem é; geralmente, porém, não basta o propósito deliberado de fazer tal revelação [...]. Pelo contrário, é quase certo que, embora apareça de modo claro e inconfundível para os outros, o ‘quem’ permaneça invisível para a própria pessoa [...] (ARENDR, 2007, p. 192).

<sup>10</sup> O trecho é de *Matheus*, 6-3.

<sup>11</sup> Com a diferença importante de que Batman, em vez de caridade, distribui violência aos pobres. Mas isto já é outro assunto.

Muito conforme esta última observação, numa terceira cena, no epílogo do filme, será Rachel quem revelará a Bruce quem ele é. “Esta é a sua máscara”, diz ela, apalpando-lhe o rosto com a mão. “O seu rosto verdadeiro é aquele que os criminosos agora temem”. E este é o jeito dela revelar: “você é o Batman”.

A partir do momento em que pretende ser, ao mesmo tempo, heróico e bom, o super-herói não tem escolha a não ser agir neste mundo humano e aparecer na comunidade. Consequentemente, apesar de seu credo apolítico num bem que independe desta mesma comunidade, ele é obrigado a agir nela. Para, no entanto, poder fazê-lo sem, ao mesmo tempo, fazer política, o super-herói é obrigado a se tornar um marginal, como os inimigos que combate. É assim que, afinal, ele consegue “buscar ser o primeiro, sem jamais se distinguir”, ou, para ser mais preciso, distinguir-se sem jamais se destacar: agindo no mundo sem nunca ser deste mundo.

### **Considerações finais**

Esperamos que as análises e observações aqui desenvolvidas possam colaborar para uma melhor compreensão dos modelos ético-políticos representados pelos super-heróis e difundidos pelas suas histórias. O assunto é amplo e, por isso mesmo, análises do tipo podem ser estendidas a muitos outros casos. Interessaria buscar pontos de tensão entre os impulsos políticos e apolíticos dos super-heróis a partir de outras personagens e histórias bem conhecidas, em especial aquelas que o fazem de forma mais deliberada. Além do exemplo óbvio do último filme de Nolan com o Batman, *O Cavaleiro das Trevas Ressurge*, que tem alegorias políticas ainda mais diretas, outros possíveis mercedores de atenção seriam a minissérie *Guerra Civil*, dos quadrinhos Marvel, *The Authority*, em especial os números de Mark Millar, o filme *Pantera Negra*, de 2018, e, talvez mais do que todos, os *X-Men*, uma vez que são o principal, se não o único, grupo de super-heróis constituído com objetivos explicitamente políticos.

**REFERÊNCIAS**

- ARENDDT, Hannah. *A Condição Humana*. trad. de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- ARRIANO de Nicomédia. *The Anabasis of Alexander*. trad. para o inglês por E. J. Chinnock. Londres: Hodder and Stoughton, 1884 [E-book do Project Gutenberg: 2014].
- BATMAN: CAVALEIRO DAS TREVAS. Diretor: Christopher Nolan. EUA/Reino Unido: Warner Bros. Pictures, 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tRkNNeETaAo&t=182s>. Acesso: 30/08/2020.
- BATMAN – O INÍCIO. Diretor: Christopher Nolan. EUA/Reino Unido: Warner Bros. Pictures, 2005. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XwvzauErQ0>. Acesso: 30/08/2020.
- DAVISSON, Zack. “The first superhero – the Golden Bat?”. *Comics Bulletin*, 19/12/2010. Disponível em: <http://comicsbulletin.com/first-superhero-golden-bat/>. Acesso: 29/08/2020.
- GOULART, Ron. *The Encyclopedia of American Comics*. New York: Facts on File, 1990.
- HAMMER, Dean. *The Iliad as Politics: the performance of political thought*. Norman: University of Oklahoma Press, 2002.
- HOMERO. *Iliada*, trad. por Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- HOMERO. *Odisseia*, trad. por Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- JAEGER, Werner Wilhelm. *Paideia: a formação do homem grego*, trad. de Arthur M. Parreira. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- LOREAUX, Nicole. *A Invenção de Atenas*, trad. por Lilian do Valle. São Paulo: Editora 34, 1994.
- PLATÃO. *A República*, trad. por Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2000.
- RODRIGO, Lidia Maria. “Platão contra as pretensões educativas da poesia homérica”. In: *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 27, n. 95, p. 523-539, maio/ago. 2006.
- SIEGEL, Jerry; SHUSTER, Joe. “Superman, campeão dos oprimidos”, trad. por Edu Tanaka, Levi Trindade e Fabiano Denardin. In: COLEÇÃO DC 75 ANOS, nº 1. São Paulo: Panini Comics, 2010, pp. 9-21 [história original de 1938].
- WAID, Mark; ROSS, Alex. *O Reino do Amanhã nº2: estranho visitante*. São Paulo: Editora Abril, 1997.

Recebido em: 30 de agosto de 2020.  
Aprovado em: 20 de outubro de 2020.